



DIÁLOGOS E SABERES ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO JACUIPENSE

ANA LISE COSTA DE OLIVEIRA¹

RESUMO

Nesta comunicação oral tematizamos a educação étnico-racial na educação do campo em Riachão do Jacuípe, estado da Bahia. Objetivou-se refletir sobre atos curriculantes antirracistas, inspirados na pedagogia griô, e na pedagogia decolonial, com foco na promoção da educação étnico-racial positiva. De uma pesquisa-ação, nasceu este estudo, cujos resultados evidenciaram que a educação do campo somada a uma pedagogia antirracista ganhou mais vida e sentido, uma vez que estudantes puderam, através do diálogo, (re)construir conhecimentos identitários sobre a história dos povos e o seu protagonismo. Logo, a fortalecimentos dos vínculos entre escola e comunidade possibilitará uma maior valorização do ser e a superação do racismo, preconceito e discriminação.

Palavras-chave: Educação étnico-racial do campo, Escola básica, Pedagogias griô, decolonial.

PALAVRAS CHEGANTES

A valorização da diversidade sociocultural no cotidiano escolar como premissa básica para a formação humana tem sido um grande desafio para a educação no contexto da contemporaneidade. De um lado temos uma

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação e Pluralidade Sociocultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Psicopedagogia pela FACINTER- IBPEX. Especialista em Coordenação Pedagógica (UFBA). Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Regional de Riachão do Jacuípe (FARJ). Coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), Núcleo Territorial de educação (NTE 15), Colégio Estadual do Campo Professor Dídimo Mascarenhas Rios (CECPDMR), cidade de Riachão do Jacuípe, Bahia. Contatos de e-mail: aliscosta@gmail.com

“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



vasta e persistente cultura colonizadora que segrega negros, brancos e outras etnias, que privilegia os saberes culturais europeus em detrimento dos saberes ancestrais de povos originários indígenas e os povos africanos escravizados que forjaram o caldeirão cultural de nossa nação brasileira. De outro temos a resistência cultural e decolonial desses povos sulbaltornizados que em favor das suas culturas tradicionais, sobrevivem e resistem ao longo do tempo com os saberes da tradição afro-indígena, (re)inventando seu legado e transformando os espaços sociais em prol da formação crítica de cidadãos e cidadãs.

Nesse contexto, as escolas refletem essa tensão entre um currículo colonialista e um currículo decolonialista. O que faz que realizemos uma profunda reflexão e estudo em torno das práticas pedagógicas que estão sendo forjadas do contexto escolar. Sobretudo o que se espera é a superação do racismo, do preconceito, da intolerância e da discriminação contra os povos originários indígenas e afrodescendentes que representa a maioria da população nos Estados do Nordeste e da nossa Bahia.

Assim, nesse grandioso evento científico intitulado XIX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira, V Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas, VI Encontro de Religiões de Matriz Africana, VI Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual & o VI Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas, buscamos apresentar junto ao GT 01 Etnicidades, Educação e Memória, um relato de experiência de pesquisa sobre a educação antirracista na escola do campo, no território da Bacia do Jacuípe.

O presente texto discute a temática da educação das relações étnico-raciais em duas escolas públicas do campo de ensino médio, no distrito de Chapada, em Riachão do Jacuípe, território da Bacia do Jacuípe, na Bahia. O desejo pela pesquisa partiu de uma problemática que contextualizou a dificuldade da comunidade escolar em contribuir para a efetivação de uma pedagogia antirracista. Dessa forma, indagamos: os estudantes, professores e



gestão da educação básica têm lidado com que tipos de práticas sobre temática da diversidade, especialmente a afrodescendência e a etnicidade, em seus contextos formativos? Essas práticas estão a favor ou não de uma pedagogia antirracista?

Nesse sentido, objetivamos aqui refletir sobre atos curriculares antirracistas, inspirados na pedagogia griô, com foco na promoção da educação étnico-racial positiva. Estamos referendados pela legislação educacional antirracista, (Brasil 2003); pelas práticas em educação étnico-racial (Gomes, 2012; Santana, 2019), pela Pedagogia Griô (Pacheco, 2015), pela Pedagogia decolonial (Oliveira e Candau 2010, Quijano, 2005, Walsh, 2005). De uma pesquisa-ação nasceu este estudo, tendo como lócus duas escolas públicas sendo uma da rede estadual de ensino médio e a outra municipal do ensino fundamental anos iniciais, tendo crianças de 7 a 10 anos e jovens de 15 a 19 anos, professores dos referidos níveis de ensino como sujeitos participantes. Ademais, a metodologia foi qualitativa, tipo descritiva de inspiração etnográfica, com análise de conteúdo e o instrumento de coleta de dados o grupo focal. (BARDIN 2009, MINAYO, 2010).

DIALOGANDO NAS RODAS DE SABERES ANTIRRACISTAS: CRIANÇAS E JOVENS COM A PALAVRA

Já faz 20 anos que a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), entrou em vigor e alterou a Lei de Diretrizes da Educação Nacional, tornando obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira na grade curricular do ensino fundamental e médio. Desde então, escolas de todo o Brasil tem compartilhado "novas" práticas que vêm transformando gradativamente o ensino tradicional, tornando-o mais inclusivo e diversificado, refletindo, assim, a real face da população brasileira. Mas será que de fato as escolas têm conseguido efetivamente desenvolver práticas antirracistas democráticas? Dentro de que bases epistemológicas? Colonialistas e conservadoras?



Decoloniais e emancipadoras?

Nesse ínterim, a partir de então passaremos a contextualizar experiências vivenciadas por crianças e jovens na comunidade de Chapada dentro do projeto Batuques de Ancestralidade e do projeto E-books Pedagogia Griô Contação de Histórias. Essas experiências compartilhadas irão responder ao questionamento da problemática anunciada na seção anterior.

O Projeto "Batuques de Ancestralidade" existe desde 2019 e atravessou o período pandêmico 2020/2021 produzindo virtualmente rodas de conversas e grupos de estudos sobre antirracismo. No ano de 2022 retoma seu formato presencial e começa, após adesão docente interdisciplinar, através um processo de sensibilização com os estudantes para a educação do campo antirracista. No presente ano de 2023, os diálogos se estenderam para além dos professores e estudantes também com os pais, vovôs e vovós, mestres griôs e lideranças da comunidade.

Acompanhando o calendário temático da diversidade para a educação para as relações étnico-raciais da rede estadual de ensino, ocupamos nossa agenda com rodas de diálogo a começar pelo "Julho das pretas" onde a ocasião favoreceu a pesquisa por conhecer o movimento empoderado de mulheres negras de projeção latino- americana que deram exemplo de luta por uma sociedade antirracista.

A partir dessa iniciativa, esse calendário foi o marco para mobilizar ações como as rodas de diálogo "Conversas Pretas" que tinham como objetivo refletir sobre datas e fatos que marcaram a história do povo negro no Brasil e no mundo. Assim, os estudantes orientados pelos docentes, puderam mergulhar na história de vida de personalidades negras, sobretudo mulheres, durante os meses de julho a novembro. O levantamento de informações, dados, imagens, narrativas dos mestres griôs da comunidade, desenvolveu o gosto pela pesquisa e surpreendeu os estudantes pela ausência de conhecimento e repertório sobre as lutas do povo brasileiro por igualdade racial, de gênero e respeito pela vida.

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



Eu não sabia quase nada sobre a história de mulheres negras. Me encantei com a história das mulheres latinas mais ainda as brasileiras que lutaram pela liberdade e por igualdade racial e de gênero. Tipo, a Tereza de Benguela e Luiza Mahin no passado, Mariele Franco no presente que lutaram pelos direitos sociais, contra a escravidão e opressão social. Poder estudar e dialogar com os colegas e ter o poder da palavra para dialogar com estudantes de outras turmas me impactou muito. Maria Rosália, 3º ano, 17 anos.

O povo brasileiro lutou muito pela liberdade, isso eu percebi de outro jeito quando o professor Biel falou que a guerra da Independência do Brasil na Bahia foi vencida pelo povo e no meio do povo tinha mulheres corajosas como Maria Quitéria, Maria Felipa e Joana Angélica. A potência das mulheres não era notada pela sociedade colonialista da época, mas algumas foram rebeldes e juntaram aos homens e fizeram sua parte. Esse foi um lado da história que eu não conhecia e foi bom nas rodas de diálogo entender essa dinâmica. Principalmente quando Dona Margarida falou sobre a vida de Maria Felipa e disse que se inspirava nela para ter coragem de lutar como líder comunitária, pela nossa comunidade. Joana Angélica, 3º ano, 17 anos.

O contexto apresentado, conota um cenário bem favorável para a criticidade, através da abertura para o diálogo, a (des)construção de saberes. Daí podemos perceber que as práticas relatadas têm como inspiração a Pedagogia decolonial. O cenário pedagógico com a "roda" simboliza a quebra com o padrão enfileirado e hierarquizado, bem típico da colonialidade ainda persistente em nossos dias porque esta colonialidade do poder construiu a subjetividade do subalternizado produzindo violências epistêmicas (QUIJANO, 2005; WALSH, 2005).

Já a "roda dialógica" possibilita a construção coletiva, a circularidade do pensamento e a valorização de cada um no processo de ensino-aprendizagem. Assim entendemos como pedagogia decolonial como aquela que tem como princípio a interculturalidade crítica e requer a superação tanto de padrões epistemológicos hegemônicos no seio da intelectualidade brasileira quanto a afirmação de novos espaços de enunciação epistêmica nos movimentos sociais. (OLIVEIRA, CANDAU, 2010).

A pauta da etnicidade também ganha forma nas rodas dialógicas por meio da pedagogia griô (PACHECO, 2015) que busca unir escola e



comunidade valorizando os saberes ancestrais do povo brasileiro, através da tradição oral potencializando e revolucionando o jeito de pensar e sentir a educação antirracista.

Também complementa essa discussão um aspecto os nossos jovens, por meio da pedagogia griô, tiveram a oportunidade de vivenciar a tradição oral em primazia, descobrindo assim o valor da palavra falada da boca do griô, seu mais velho da comunidade, insurgindo com a história oficial contada dos livros didáticos.

Da consciência juvenil ingênua e povoada de preconceitos e esquecimentos, brotou uma consciência tendendo a criticidade que trouxe também à tona uma etnicidade singular e diversa concomitantemente. Em se tratando de juventude o diferente atrai, mas a o traço étnico negro marcante foi além dos traços físicos e aparentes, tomando o formato de cultura, através de oralidade dos mais velhos em constante diálogo ancestral, como assinala Santana (2019).

Concernente às práticas de leituras antirracistas, na escola municipal organizamos também o Projeto E-books Pedagogia Griô Contação de Histórias com as crianças em parceria com as coordenadoras, as professoras, os mestres griôs contadores de história da comunidade. A nossa oficina objetivou promover a contação de duas histórias afro-indígenas valorizando a formação identitária das crianças no contexto escolar.

Desenvolvemos conforme orientação da pedagogia griô, em momentos de rodas, porque assim são contadas as histórias e estórias no tempo para os nossos ancestrais. Primeira roda de abertura e de integração preparando o grupo para a contação da história. Depois fizemos a contação da história com a mestre griô vovó Lizi, numa grande roda. Logo após fizemos roda de diálogo com as crianças sobre o entendimento das histórias trazendo com elas palavras geradoras e questionamentos da estória. Em seguida, a roda da partilha, onde as crianças produziram e apresentaram reconto através de desenhos e os conhecimentos produzidos com a história. Por último



fizemos uma roda de despedida da mestra griô encerrando com canto popular.

Considerando o relato desses dois atos antirracistas, cada um em sua especificidade de ensino, podemos perceber o movimento produtor da educação do campo local em desenvolver uma metodologia de trabalho diferenciada e insurgente. De um lado histórias de personalidade negras e indígenas são contadas para os jovens. De outro, estórias de personagens são também contadas revelando as histórias dos povos africanos e originários da nossa terra. Crianças e jovens puderam compreender os caminhos que os nossos ancestrais fizeram. Conheceram suas lutas, seus feitos, a vida e a morte. Mais do que isso vivenciaram a formação identitária construindo o conhecimento com protagonismo e engajamento, como se lê adiante:

Gostei muito da chegada da vovó Lizi, ela veio nos contar a história da cobra Saturi. O jeito dela contar foi diferente e me deixou só olhando pra ela. Não dava nem vontade de piscar o olho. (Estudante do 1º ano, 6 anos, EF).

Tudo foi legal, a vovó contando histórias, a gente ouvindo, eu disse a gente ouviu caladinho, e prestando atenção em tudo. Amei a Saturi e amizade dela com a menina. Eu achava que cobra tinha que matar. Depois eu penso agora que não por que elas podem ser nossas amigas. Elas são também a natureza. (Estudante, 2º ano, 7 anos, EF).

A sala cheia de livros, a cabaça do Chico Rei, a cobra gigante, a vovó sentada e pulando com a gente contando as estórias, a gente desenhando e contando tudo do nosso jeito... parece um sonho! Um rei negro? Quilombo? Nunca tinha visto. Ah, eu quero saber mais disso aí! (Estudante masculino, 2º ano, 8 anos, EF).

Considerando as representativas falas dos estudantes, podemos entender que o acesso à leitura contextualizada e a aprendizagem da vivência dos conhecimentos proporcionou o entendimento de que a História é herdada e continuada por várias gerações, necessitando ser vivenciada e protagonizada em sua plenitude com e para o povo. Histórias de tantas lutas que por força da colonialidade do saber foram subalternizadas, ocultadas e apagadas das memórias pela história oficial, insurgem nos diálogos da



comunidade chapadense anunciando outra episteme, uma episteme decolonial pelas narrativas dos mais velhos.

Essa prática da roda dialógica faz parte dos aspectos metodológicos do modelo de ação pedagógica da pedagogia griô. O que tornou significativo o ato de aprender uma “nova história” foi de um lado a roda de estudantes, que com o diálogo mediado pelos mesmos; de outro lado a contação de histórias pelos mestres griôs possibilitando a construção de vínculos de aprendizagem e o letramento racial durante todo o ciclo dos projetos.

As rodas dialógicas e de contação de histórias e a produção partilhada representaram o empoderamento dos estudantes por meio da palavra insubmissa. O poder da palavra precisou ser partilhado com todos em todos momentos e a mediação e controle do tempo coube às lideranças estudantis. Ter essa responsabilidade de mediar falas, assumir o poder de fala, validar a fala do outro, experimentar a dúvida, administrar as contradições e conflitos de ideias e posicionamentos, a construção e desconstrução de grupos, recontar histórias, estabelecer relações dos personagens com a vida real, fez com que os estudantes se sentissem responsáveis pela criação das aprendizagens e com autonomia buscar novas formas de produzir conhecimentos, centrado na dialogicidade e na vivência identitária. Afinal, conhecer a história de vida de símbolos nacionais, heróis, heroínas e personalidades negras só afirma o desenvolvimento das identidades dentro de uma educação antirracista.

Além disso, esse processo de sensibilização dos projetos por meio das pesquisas, caracterização de cenários e figurinos e da roda de diálogo com os estudantes e os mestres griôs possibilitou também o acesso a história do povo negro, afro-brasileiro, afro-ameríndio, de outras fontes que não somente os livros didáticos. O leque de possibilidades orientado pelos professores e o estímulo à busca de outros recursos como os digitais e a tradição oral, permitiu com que os estudantes investigassem e enxergassem que as estórias e histórias



contadas sobre os povos “subjugados” quase sempre é contada do ponto de vista dos “vencedores”. Esse é o caminho de uma prática de educação étnico-racial emancipadora, como orienta Gomes (2012).

Se não rompermos com a colonialidade do saber estaremos fadados ao perigo de conhecer um único lado da história, e assim vivenciamos por muito tempo o perigo de ter conhecido uma história única. (ADICHIE, 2019). Com a educação antirracista a lógica se inverte, porque vamos a busca de “outras versões” da história e reconstruímos o elo com a ancestralidade guerreira e resistente do povo negro, dos povos originários de nossa terra.

PALAVRAS (IN)CONCLUINTES

A centralidade da educação étnico-racial no contexto das escolas do campo foi o tema deste artigo. Atingimos o objetivo de refletir sobre promoção de atos curriculantes antirracistas, inspirados na pedagogia griô, com foco na promoção da igualdade racial, no combate ao racismo, preconceito e discriminação ante aos povos afro-brasileiros e indígenas.

A problemática suscitou as indagações: os estudantes, professores e gestão da educação básica têm lidado com que tipos de práticas sobre temática da diversidade, especialmente a afrodescendência e a etnicidade, em seus contextos formativos? Essas práticas estão a favor ou não de uma pedagogia antirracista? Sendo assim, tivemos como resposta a aproximação de práticas inspiradas na pedagogia decolonial através das experiências refletidas nos dois projetos.

A educação do campo somada a uma pedagogia antirracista ganhou mais vida, uma vez que estudantes puderam, através do diálogo, (re) construir conhecimentos identitários sobre a história dos povos e o seu protagonismo. O perigo de compreenderem a história de um único ponto de vista, o do colonizador, foi afugentado pelas metodologias antirracistas que valorizaram os saberes locais, as narrativas da tradição oral com a presença dos mestres



griôs, estimularam o protagonismo de crianças e jovens do distrito de Chapada.

Portanto, a possibilidade de fortalecermos uma pedagogia antirracista se concretiza com a coragem de muitos educadores, de experiências de projetos como estes aqui relatados, que como nós, insubmissos a colonialidade do saber, buscamos ir além da história oficial, dando visibilidade e outros autores, aqueles e aquelas que são da nossa gente, e nos espelham com suas lutas, com seu suor e suas lágrimas, com seus saberes que inspiram insurgências e propósitos para o bem comum.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; Tradução Julia Rome. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: DF, 9 jan. 2003. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em 4 mai. 2015.

GOMES, N.L. Práticas pedagógicas com as relações étnico-raciais nas escolas públicas: desafios e perspectivas. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639**. 1ª edição/Nilma Lino Gomes (org). Brasília: MEC/UNESCO, 2012.

MINAYO, M.C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

OLIVEIRA, L. F. de ., & CANDAU, V. M. F.. (2010). Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação Em Revista**, 26(1), 15–40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>. Acesso em: 20 jun 2023.

OLIVEIRA, L.F; CANDAU, V. Pedagogia decolonial e educação antirracista e

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

intercultural no brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.01, abr. 2010, p.15-40.

PACHECO, L. A Pedagogia griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, São Paulo, Ano 2, n. 3, p. 22-99, set 2014/ mar. 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005, p. 107-130.

SANTANA, M. Relações Étnicas: desafios para o Ensino, Pesquisa e Extensão no Campo Interdisciplinar. **ODEERE**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 35-49, 2019.

WALSH, Catherine. Introducción - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial**. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.